

ANEMIA INFECCIOSA EQUINA

INTRODUÇÃO

O Brasil tem o quarto maior rebanho equino do mundo, com 5,8 milhões de animais, atrás dos Estados Unidos, China e México, sendo que o agronegócio em torno desta atividade gera cerca de 640 mil empregos diretos (GUERRA, 2010). Já no Estado do Rio Grande do Sul, segundo o IBGE (2013), no ano de 2011 o rebanho estadual de equinos era de 472.778 animais. Além dos aspectos econômicos, no RS a atividade está diretamente ligada ao lazer, cultura, esporte e trabalho. A AIE é uma doença que pode comprometer irreversivelmente o desempenho dos equídeos. A transmissão pode ser vertical (intra-uterina) ou horizontal, por meio de utensílios contaminados (agulhas, freios, esporas e outros), leite materno, sêmen ou insetos hematófagos.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O agente etiológico é um vírus retroviridae que causa anemia hemolítica do tipo imune. Os susceptíveis são equínos, muarens e asininos de qualquer raça, idade e sexo. Três são as formas de apresentação da doença: aguda, subaguda e crônica. A transmissão pode ser vertical (intra-uterina) ou horizontal, por meio de utensílios contaminados (agulhas, freios, esporas e outros), leite materno, sêmen ou insetos hematófagos. Entretanto, a transmissão do vírus é geralmente relacionada com a transferência de sangue de um cavalo infectado a um receptor sadio. Por desinformação, em muitas ocasiões, o homem torna-se o principal componente na cadeia de transmissão do vírus, em função do manejo inadequado dos animais. Os principais sinais clínicos de AIE de uma forma geral são caracterizados por episódios febris recorrentes, pequenas hemorragias de mucosas (petéquias), palidez de mucosa (anemia), perda de peso, depressão, desorientação e andar em círculos. Na forma aguda os principais sinais são febre, anemia, hemorragias petéquias, edema nos membros, fraqueza e falta de apetite, morte pode ocorrer em 2-3 dias. Na forma crônica febre recorrente, fraqueza, falta de apetite e baixo rendimento esportivo são os sinais clínicos mais comuns.



A AIE é uma doença para a qual não existe tratamento ou vacina, a forma de prevenção é através da exigência de exames negativos para AIE para ingresso na propriedade, participação somente em eventos onde existe a exigência de exame negativo para ingresso de animais e em casos de foco sacrifício de animais comprovadamente positivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os fatores descritos, AIE pode ser considerada uma das principais doenças que acometem equídeos, animais essenciais para o setor agropecuário do RS. E, até o momento a prevalência e distribuição da AIE são desconhecidas no Estado, levantamentos soro epidemiológicos que determinassem a prevalência e distribuição desta enfermidade seriam o passo inicial para estabelecer medidas sanitárias adequadas para o controle beneficiando todos os envolvidos neste importante agronegócio. No mês de setembro de 2013 o Departamento de Defesa Agropecuária da SEAPA iniciou a realização do Inquérito epidemiológico para AIE que além da AIE aproveitando a mesma amostragem avaliará a prevalência de outras enfermidades dos equídeos como arterite viral, influenza equina, rinopeumonite equina, vírus vaccinia e adenite equina. Para executar a atividade foram convocadas 18 equipes compostas por Fiscais Estaduais Agropecuários e Técnicos Agrícolas ou Auxiliares do Departamento de Defesa Agropecuária (DDA) da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio do Estado do Rio Grande do Sul. O início se deu com as coletas de amostras de sangue nas 341 propriedades sorteadas para o Estudo Soro-epidemiológico da Anemia Infecciosa Equina em 160 municípios Estado do Rio Grande do Sul. Este inquérito inédito, realizado em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, MAPA/RS e LANAGRO/RS, tem como objetivo determinar a prevalência dessa enfermidade infectocontagiosa de extrema importância sanitária e econômica e considerada de notificação obrigatória pela Organização Mundial de Saúde Animal. A partir dos resultados desse Estudo, a SEAPA/RS poderá tomar medidas alternativas no controle de trânsito dos equinos, assim como na participação dessa espécie animal em eventos e feiras no Estado do Rio Grande do Sul.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- GONÇALVES, C. M., et al. Anemia Infecciosa Equina: Revisão de Literatura. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária – 4 ed – Janeiro de 2005 - ISSN 1679-7353
- KARAM, C.H.V., et al. . Anemia Infecciosa Equina no Estado do RJ: Aspectos Epidemiológicos, clínicos e laboratoriais. Revista Eletrônica Novo Enfoque, ano 2010, v. 09, n. 09, p. 01 – 13
- GUERRA, P.J. Brasil tem o quarto maior rebanho equino do mundo, com 5,8 milhões de cabeça. Notícia 16/03/2010. Conselho Federal de Medicina Veterinária. Disponível em: <http://www.cfmv.org.br/porta1/noticia.php?cod=606>.

